



CRÔNICAS

Tenho a visão da cidade mas não a vejo,
ouço sua vibração mas não a escuto. Vejo
a selva de pedra com pessoas andando
noite e dia. Respiro, penso e repenso.

São rostos escurecidos pela poluição, pela
dor, pela enfermidade que as assombram
nas estações de metrô. O trem parte, mas
a esperança fica.

As luzes da cidade me rodeiam me cer-
cam. Traz o brilho, traz a paz. Paz pro-
fana. Cidade do pecado, da ostentação,
da ganância e da própria morte. Da luxu-
ria, da esperança, da pobreza, riqueza e
fome. Daqueles a quem são leais, legais
e desleais.

Cidade que não para, que tem o mundo
ao seu redor. De polêmicas, desastres,
grades e alarmes. Aqueles que muito têm
muito se trancam, e os que não têm tam-
bém. O medo assombra e está presente
em todas as esquinas, padarias, lares e
bares.

O frio que sufoca já não machuca, pelo
contrário, traz inspiração. Os dedos géli-
dos já se esquentam pelo leve suor da di-
gitação, meditação, contemplação.

DÉCIMO SEXTO ANDAR
Maurício Campos Pereira | Aluno do CAU UCB

A cidade me abraça, me beija. De largas avenidas e grandes praças. De sorrisos, tristezas e desesperos. De altos e baixos. De fumaça e pouca água. [Quem diria? Cidade do avesso, Terra da garoa!]

Ao contrário do planalto, a selva de pedra me traz mais inspiração. Traz um segundo lar, segunda morada. Leva-me a pensar, a raciocinar, a aceitar.

Da varanda tenho a liberdade, libertinagem. Sinto-me cada vez mais parte dessa grandiosa escala. Das obscuras e brilhantes janelas. De suas antenas, fachadas, escadas. Sua brisa nunca me deixou contente e pensante. Nunca me fez querer estar mais aqui do que nunca, de ser parte dessa grande massa atrás da prosperidade.

A cidade avança todas as escalas possíveis, até mesmo as utópicas. Do urbanismo urbano feito por animais racionais, por pessoas que não pensam, não aceitam, mas que apenas vivem. Gastam seu tempo nas paradas, nas calçadas ou sobre as pontes e montes.

Nunca pensei que uma varanda do décimo sexto andar desse a mim a oportunidade de pensar, refletir e agir. Pois já erraria Criolo ao afirmar: Não existe amor em SP! Eu digo: amo-te São Paulo.

E sim, é recíproco.



FOTO 2 - Edifício COPAM | Ipiranga, São Paulo

